

ODE A JOANA ANGÉLICA<sup>1-2</sup>Adalício Nogueira<sup>3</sup>

Cem anos já se vão. Foi no tempo revoltado  
 Em que da liberdade o vôo ousado e solto  
 Começou a pairar sobre todo o Brasil!  
 Era, em que do civismo a caudal  
 incontida  
 Principou a raivar, infrene e desabrida  
 No ardente coração de um povo varonil!

Crestava-nos, então, abafadiça e quente,  
 A rubra atmosfera, abrasada e candente  
 De um estranho poder, imperioso e  
 cruel...

Mas já nos torturava o peso dessa carga  
 E, há muito, em nossa boca,  
 incrivelmente amarga,  
 Urgia se extinguísse o travo desse fel!

Não podia tardar a borrasca violenta...  
 Quem, pois, sufocaria as ânsias da  
 tormenta,  
 Se os rúbidos fuzis já luziam nos ares?  
 Negra já se tornara a noite da procela,  
 Terrível como o mar que em vagas se  
 encapela,  
 Alçando do seu colo os vagalhões aos  
 pares!

1 Recitada pelo autor no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, em comemoração ao Centenário de Joana Angélica em fevereiro de 1922.

2 NOGUEIRA, Adalício. Edição comemorativa de centenário de nascimento de Adalício Nogueira. Prefácio de Consuelo Pondé de Sena; seleção e organização de Lizir Arcanjo Alves. Salvador: Família Nogueira, 2002.

3 Graduado pela Faculdade de Direito da Bahia em 1924. Promotor público entre 1924 e 1929. Juiz de Direito em 1929. Desembargador do Tribunal de Justiça da Bahia em 1944. Prefeito de Salvador entre fevereiro de 1945 e fevereiro de 1946. Presidente do Tribunal Regional Eleitoral da Bahia entre 1950 e 1954. Presidente do Tribunal de Justiça da Bahia entre 1962 e 1963, ocasião em que ocupou interinamente o cargo de Governador do Estado por três meses, durante a ausência do titular Juraci Magalhães. Ministro do Supremo Tribunal Federal entre novembro de 1965 e 1972. Membro da Academia Baiana de Letras e do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Faleceu em 31 de agosto de 1990.

Raivosa a apavorar as ruas da Bahia,  
Espuma a soldadesca inconsciente e  
bravia  
Como súcia faminta e fera de animais!  
A onda sanguínea tinge o solo. Sob os  
tetos,  
Onde viça o rosal estreme dos afetos,  
Mal sufocam as mães a mágoa dos seus  
ais!

Dentro da paz claustural, sob o pátio da  
prece,  
Resignada e sublime, Angélica aparece,  
Mal contendo no seio uma explosão de  
dor!  
Reza a freira! A tortura o coração lhe  
invade...  
Borbota-lhe do olhar um Jordão de  
piedade,  
Que vem cascadeando em ondas de dulcor!

Reza a santa! E lá fora os fragores da  
guerra  
Estalam, abalando os píncaros da serra,  
Enquanto o fumo vela a face azul do  
céu!...  
E ela, a "Virgem do Claustro", a sagrada  
Abadessa,  
Pendida a imaculada e límpida cabeça,  
De suaves orações envolve-se num véu!

Eis senão quando a malta insaciada e  
louca,  
Lançando imprecações infames pela boca,  
Brada aos pés do convento: "entremos,  
pouco importa"...

E dentro na clausura, os ecos  
compassados  
Repetem, tristemente, os sons  
amargurados  
Das pancadas brutais que arrebentam a  
porta!

Ei-lo no pátio e, agora, em rumo de  
outra entrada,  
Estaca a multidão maldita e alucinada,  
Ante um vulto que surge, intemerato e  
brando...  
E um bárbaro, embebendo a mortífera  
lança  
Em tão pura mulher, inofensiva e mansa,  
Farta o horrível furor do troço  
miserando!

Nobre sangue de Joana Angélica divina!  
Como o rocio d'alva albente e purpurina  
Que fecunda do solo a estéril aridez  
E faz brotar da terra, impregnada de  
odores,  
O sorriso ideal e cândido das flores,  
Aos ósculos de luz do Mariano mês,

Assim tu foste o orvalho estreme e  
fecundante,  
Que umedecendo a planta exangue e  
rastejante,  
Débil, mirrada, humilde e tenra, até  
então,  
A fizeste expandir-se e frondejar,  
umbrosa,  
Na árvore secular da nossa Redenção!...

Salvador, 1922